I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
IX SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA
17 a 20 setembro 2025
Políticas Públicas Educacionais no contexto da América Latina: desafios, resistências e perspectivas
Departamento de Educação DEDC-CAMPUS XII Guanambi
UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
NUPE Núcleo de Pesquisa e Extensão
PPGEduF Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente

SEMENTES RESILIENTES: O ESPERANÇAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE UMA LEITURA FREIRIANA DO MUNDO DAS CRIANÇAS

Fernanda de Deus Junqueira
Universidade do Estado da Bahia, Candiba, BA, Brasil
deusjunqueirafernanda@gmail.com

EIXO 1: INFÂNCIA, POLÍTICAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Querido Paulo Freire e a todos(as) que acreditam na infância como um modo de estar no mundo,

Fiquei pensando, por diversos dias, a quem destinar esta carta, de modo que um único destinatário pudesse afetar positivamente outros e outros. Quando, ao chegar a um "espaço de educação", fui questionada se o pensamento de Paulo Freire poderia ser aplicado na realidade de 2025, pensando no diálogo e que se tem diferentes percepções é que respirei a "Pedagogia do Oprimido" e respondi sem mais delongas: "a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem" (Freire, 1997, p. 96). Nessas voltas do pensar que entrelaçam minha mente, já tenho então um destinatário: o Paulo Freire e acrescento todos(as) que acreditam nas crianças!

Este não existe mais fisicamente, mas coexiste no âmbito da educação em que se preze a valorização da humanidade. Como diz Kohan (2022), "Paulo Freire mais do que nunca!". Por isso escrevo para Freire, como carinhosamente o nomearei, almejo dialogar com ele, este que tecia inúmeras mensagens suplicando melhorias na educação brasileira. Este que era o homem das cartas pedagógicas: escreveu para sua sobrinha-neta Cristina (Cartas a Cristina) (Freire, 2012); para Guiné-Bissau (Freire, 2013); para quem ousa a ensinar (Freire, 2021) e tantas outras. Inspirada nesta última, vou escrever aqui para quem ousa falar de Paulo Freire e de Crianças.

E aprendendo com/sobre, percebo que seu legado é esperançoso e consistente; sofre as amarras do mundo, mas continua a germinar como semente teimosa que, mesmo em solo árido, insiste em nascer. A verdade é que tu és atemporal! E sem fronteiras de diálogos: com/para todas as pessoas, falava de jovens, adultos, camponeses, trabalhadores, mas aprendo que o seu pensamento não tem classe nem idade. Não tem lugar: seja no fundo do quintal, na rua ou nas quatro paredes de uma sala. Só sei que este legado transpassa tempos e espaços!

Sabe, Freire! Vivemos falando seu nome. Mas queremos mesmo é dizer de caminhos que usamos para transpor seus pensamentos e pensar na/com/para as crianças... Tal como a Cristina quando era criança antes de ser jovem... Foi você quem nos ensinou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 2023) e também que as crianças antes de decifrar as letras que rodeiam o alfabeto linguístico, já decifram tão bem o mundo com os olhos, as mãos e a imaginação. É como se a leitura do mundo não parasse, longe de parar ao fechar um livro e de começar ao abrir outro, mas houvesse um livro do mundo infinito e de sua própria autoria. Criam seu próprio código de (de)codificação e seu dicionário de identidade criativa.

Lembro-me da Éloa, de aproximadamente 2 anos de idade, dizendo que o "Gafanhoto é feito de folha". Ali, em um gesto de escutar, percebi que ela já lia o mundo tanto quanto um entomólogo – a aparência do gafanhoto, a textura, a coloração, realmente lembravam uma folha de mangueira. Como, então, não nos impressionarmos e valorizarmos a leitura do mundo das crianças tão verdadeira, pura e poética? Tudo isso antecede cartilhas e foge do livro! É que aprendo com você Freire ao chegar à sala referência, a criança já sabe muito, tem seu próprio saber construído na relação com o seu mundo vivido. Aprender o mundo decorado não faz sentido!

Será isso, Freire, o que estão fazendo com nossas crianças, trazendo apostilamentos lá de bem longe para uma criança da roça do Sudoeste Baiano? Terra do tatu, da codorna, do mandacaru e do delicioso feijão com arroz e maxixe... Para além disso, aprendo com você que a educação e as relações podem ser dialógicas — um ouvindo com o outro, o mundo com o outro, o mundo consigo. É abrir-se para escutar, ouvir e agir quando a expressão vem em forma de desenhos, gestos ou silêncios. Como no dia em que uma criança não quis assistir ao vídeo e foi procurar um livro na prateleira da biblioteca. Ela não precisava querer tudo o que o adulto queria.

Sabe, Freire, dá medo pensar que as crianças podem ser exemplos daquele oprimido de que você fala no livro – Pedagogia do Oprimido (Freire, 2023). E mais ainda pensar que esta opressão pode estar presente, sutil ou não, nos habitats da Educação Infantil, manifestando-se das mais diversas maneiras: na organização pedagógica que não valoriza a curiosidade; nas atividades padronizadas que ignoram a investigação; na falta de espaço para manipular, tocar e experimentar. Talvez considerem que a pequenez estrutural não seja uma grandiosidade na construção do mundo. E se ouvíssemos mais as crianças na e para a construção dos espaços?

Ou seja, Freire, você nos convida a sair da condição de opressores e a dialogar com as crianças. Nisso, podemos começar pelas perguntas, não derrubando os muros da curiosidade que elas têm a cada: “porquê(s)?”, “como(s)?”, “o quê(s)”. Perguntar a pergunta! Veja, ali estaremos dando sequência a um processo bonito de dialogicidade, cada um com a sua oportunidade de conhecer e indagar o mundo. Aprendi com sua filha, Freire — a Madalena — , que a busca por descobrir e conhecer o mundo é considerar “a educação como um ato de conhecimento”, que nunca se esgota, é permanente e vital (Freire, 2009, p. 54). Tenho certeza de que ela seguiu seus passos, ouviu as crianças, saiu do comodismo e foi longe; levou um veterinário à instituição, foi até a padaria fazer pão, demonstrou outros saberes. Queremos nos inspirar em você e nela!

Além disso, aprendi que este diálogo não é técnica, e mesmo firmes nos estudos dos seus livros, aprendendo com eles e conseguindo colocá-los em prática, ele não se constitui como um método a ser seguido — é ética. É, acima de tudo, tecer um compromisso com as crianças, como o saber e com a escuta, na construção compartilhada do mundo. Mesmo você não trazendo, conceitualmente, a palavra “pedagogia da infância”, ela se faz presente em todos seus escritos ao valorizar cada um/a. Diante disso, o mero perguntar não é apenas uma estratégia para ampliar o interesse das crianças, mas reconhecer que a sua pergunta é legítima, admitir que aquela dúvida tem lugar no mundo e pode nos ensinar muito.

Então, esta pedagogia dialógica, em todas que você nos apresentou — do oprimido, da autonomia, da esperança — é um exercício de humildade e de práxis: a criança pergunta, eu escuto, respondo, devolvo outra questão, e, juntos(as), (re)criamos o sentido. Aprendemos com você, Freire, que não há perguntas bobas nem respostas definitivas; que não devemos castrar a curiosidade da criança, nem desrespeitar pergunta alguma. Além disso, não se trata apenas de perguntar, mas de tomar como ponto de partida a inquietação. Como você afirmou: “é importante, sobretudo, é ligar, sempre que possível, a pergunta e a resposta a ações que foram praticadas ou a ações que podem vir ser praticadas ou refeitas” (Freire; Faundez, 1985, p. 26). Compactuo com essa ideia, porque dói dizer ,— e aceitar — a composição “criança oprimida”!

Quero, firmemente, crianças libertadas: sem medo de perguntar, sem se envergonhar de seu saber e de seu desejo de saber. Quero crianças inconformadas e não adaptadas ao sistema de silenciamento do falar e do agir alienado, pois se encontram na dicotomia entre a “voz própria” e a “voz do opressor” que as rodeia. Hoje, devolvo a você aquilo que aprendi: o direito das crianças de serem ouvidas. Para isso, estamos sempre no começo — tal como nos provoca

Kohan —, compreendendo o processo de aprendizagem como uma práxis (ação e reflexão) (Freire, 2023), na qual a criança deixa de ser objeto do mundo e passa a ser sua construtora.

Nisso, pego-me também a pensar: "educação bancária" com crianças. Sinto, neste momento, um desconforto difícil de nomear (retome-se a frase anterior). O banco recebe dinheiro, é depósito, onde entram e saem negócios. Amedronta-me transpor esse pensamento para a Educação Infantil. Ao mesmo tempo, recordo situações em que as crianças demonstram não querer isto ou aquilo, mas, ainda assim, são levadas a fazê-lo. Por que será? Além disso, quando a criança apenas recebe respostas prontas, sem espaço para questionar, internaliza que a única forma de aprender é reproduzir o que o adulto diz. O adultocentrismo se revela, então, no constante "Tia, isso está correto"? Quem disse que o gafanhoto não é feito de folha? E se simplesmente desconsiderasse essa pergunta?

Isso mata a curiosidade e a capacidade de imaginar outros mundos possíveis, porque a pergunta nos provoca a sair do lugar que habitamos (Freire; Faundez, 1985). É verdade: ela nos faz ir longe, mergulhar na internet e até ler artigos científicos; por isso é um movimento árduo. Lembro-me de quando uma criança me perguntou: "Como a água entra no coco?". Diante dessa pergunta, tive de aprender fisiologia vegetal, sistemática vegetal, bioquímica, ecologia... Percorrer diferentes campos da botânica e, ainda assim, falar com crianças sem cair no tecnicismo conceitual. Compreendo que esse processo não é simples: trata-se de um grande deslocamento em relação ao que éramos, ao momento que vivíamos, à forma como vivíamos e aos espaços atuais de e para vivências.

Ainda há outros pontos me dão medo hoje, Freire. É quando a instituição de Educação Infantil, ou o adulto, se coloca como único detentor do saber, e a criança passa a acreditar que nada sabe até que alguém lhe "ensine". Chega, então, um momento em que ela deixa de confiar na própria experiência, na própria leitura de mundo. O problema disso é que, se a criança vive em um espaço onde a escuta é negada, tende a negar a escuta das outras crianças; se vive em ambiente em que sua ação é constantemente controlada, pode passar a controlar e corrigir as outras. Parece que a opressão se transforma em um padrão relacional aprendido: opressor–oprimido, oprimido–opressor. Onde está a nossa amorosidade e o nosso senso político de ser humano?

Nisso Freire, aprendi com você que toda opressão é desumanizante, toda escuta é humanizadora (Freire, 2023). Para isso, resta-nos escutar não apenas as perguntas, mas também o dito e não dito. Assim, Freire, compreendo que não se trata de introduzir a "hora da pergunta"

no currículo (Freire e Faundez, 1985), pois isso pode, novamente, cair em um controle sistematizado e obrigatório. Quero que o perguntar se torne espontâneo e transformador. Você fala de "Experiência feito" (Freire, 2023) e essa abordagem é potente para uma pedagogia que preze as crianças, porque é no fazer vivido — no toque da terra úmida, no observar o voo inquieto de um pássaro, no sentir o vento intenso — que elas constituem seus saberes sobre o mundo.

E ainda mais quando lhes é permitido perguntar "por que o céu muda de cor?" ou "para onde a formiga está levando essa folha?", não apenas se alimenta a curiosidade, mas se afirma a dignidade de quem é pequeno no tamanho, mas imenso na capacidade de interpretar e transformar o mundo. Encontra-se, assim, uma curiosidade desadormecida (Freire, 2009). Ao mesmo tempo em que me sinto angustiada e com medo de que as crianças não sejam vistas como construtoras sociais, também creio em mudanças — em novos *esperançares* —, e, assim deparo-me com sua sugestão do Círculos de Cultura. Inspirada em você Freire, foi oficializado o: "Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil" (Silva; Almeida, 2024) pensado a partir das experiências geradoras dos aprendizados. Por lá também encontramos sobre pedagogia da infância e narrativas do cotidiano.

Certamente, esta produção ainda nos dá esperança e nos faz esperançar no percorrer da Educação Infantil e de outras educações. Isso porque ela permite vislumbrar caminhos para a superação das problematizações, do ser mais e para alcançar o "inédito viável" como ação potencializadora do esperançar (Freire, 2023). Trata-se de compreender que o "inédito viável" não é apenas um horizonte distante, mas um movimento que se inicia no presente, quando reconhecemos, nas crianças — e em seus saberes —, forças criadoras que resistem à opressão. Nesse sentido, esperançar é abrir espaços para que o brincar, o experimentar, o perguntar e o descobrir sejam práticas de liberdade, e não meros exercícios controlados.

Agora compreendo que, quando perpassa pela experiência, tudo faz mais sentido. Falo de nós mesmos, meros adultos, volto a pensar com você e contextualizo com Kohan (2022) ao propor que a sua importância Freire tem a ver com a sua relação com a infância, com a sua extraordinária infantilidade. A infância não é algo a ser educado, mas algo que educa. Que as crianças tenham infâncias dignas para além do perguntar, mas também no brincar como coisa séria, no refugiar-se em uma cabana de lençol, no esconder-se em um *eitão* de casa, e no despertar do adulto para a beleza que é ser criança e ser criança com infância(s). Porque infância

assim não cabe em tabelas nem em cronogramas; ela se mede nas marcas de pés descalços na terra, no riso que ecoa sem pressa e na coragem de sonhar mundos ainda não inventados.

Sabe, Freire, ainda tenho muito a dizer sobre o que aprendi com você. Até a sua forma de escrita dialógica me inspira; por isso, escrevo assim. Quero que estas palavras deem esperança(s) e me convidem a esperançar, no caminho da Educação Infantil e de tantas outras formas de educar. Espero que elas me permitam vislumbrar possibilidades para superar desafios, fortalecer o ser mais e alcançar o "inédito viável" como um movimento que alimenta a esperança. Escrevo, então, como quem planta. Talvez não veja todas as flores, mas acredito que o vento levará as sementes. Cada criança que ousa perguntar já inaugura um mundo novo; cada adulto que se dispõe a escutar abre espaço para a liberdade.

Que nós sigamos nessa travessia, cuidando para que a infância não seja apenas uma fase, mas uma maneira inteira de estar no mundo. Que nossas mãos continuem sujas de terra, que nossos ouvidos se mantenham atentos às perguntas que não cabem em apostilas e que nossos olhos saibam reconhecer o "inédito viável" que surge todos os dias, nos gestos, nas palavras e até no silêncio das crianças. Porque educar é um ato de amor e de coragem — e nós escolhemos, sempre, amar com coragem. E que cada passo dado, inspirado em Freire, seja um convite para reinventar o mundo.

Com a esperança que se faz em ação, seguimos semeando.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como ato de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: Nefi Edições, 2022.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira e. ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. [Orgs.] **Círculos de Culturas da Infância:** narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.